

Introdução ao estudo de um projeto de “Democracia Autoritária”: o papel da ESG no desenvolvimento político brasileiro. (1943-1967)

EDUARDO DE OLIVEIRA LIMA

Logo após a Segunda Guerra Mundial um grupo de oficiais do Exército brasileiro se reúne para fundar uma instituição que iria ter uma participação, intelectual e objetiva, fundamental no desfecho do golpe civil-militar iniciado no dia 31 de março de 1964, que acabou por depor o então presidente da República, João Goulart, e instalar uma “ditadura” militar que duraria 21 anos. Esta instituição ficaria conhecida como a Escola Superior de Guerra (ESG).

Segundo o general Osvaldo Cordeiro de Farias – fundador e um dos mais conceituados representantes desta instituição – para entendermos o “movimento de março” de 1964 devemos nos reportar à deposição de Getúlio Vargas em 1945 pelo Exército.ⁱ Eu voltaria um pouco mais, até 1944 quando o Brasil entra, de fato,ⁱⁱ na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desde então, com exceção do governo do general Eurico Dutra (1946-1950), o Brasil viveu uma constante crise política que iria culminar com a tomada do poder pelos militares. Entre esses militares as principais lideranças, pelo menos as mais influentes, eram provenientes da ESG.

A história republicana brasileira ficou marcada por movimentos militares de interferência direta nos rumos políticos do país. Desde a proclamação da república até 1964 o país registrou vários golpes contra as instituições constitucionalmente instaladas no poder. Porém é após a Segunda Guerra Mundial que o quadro político se complica. É neste período, dominado pelos regimes populistas, que as investidas militares contra os poderes constituídos passam a ser quase que constantes.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) se constituiu numa divisão de infantaria que lutou em solo italiano sob o comando do 5º Exército norte-americano contra as forças alemãs.ⁱⁱⁱ É neste momento que alguns oficiais tomam contato com uma realidade completamente antagônica à vivida por eles no Exército Brasileiro. O desenvolvimento tecnológico e material extremamente superior aos existentes no Exército Nacional deslumbrou os oficiais brasileiros. Este contato com o exército americano foi de fundamental importância para o futuro desenvolvimento de uma ideologia “modernizante-conservadora” por parte dos oficiais que estiveram no comando da FEB.

Para Stepan este contato reforçou, sobremaneira, algumas concepções existentes no imaginário militar brasileiro:

O valor atribuído à interdependência em política externa, o temor do nacionalismo excessivo, a crença relativamente forte em que o Brasil poderia tirar proveito de um estreito relacionamento com os Estados Unidos, a profunda aversão aos apelos emocionais, a idéia de que o capitalismo poderia criar uma nação fisicamente poderosa, a crença de que a democracia era um estilo mais ‘civilizado’ de política – estas foram atitudes especificamente reforçadas ou amplamente criadas pela participação oficial da Força Expedicionária Brasileira, na Itália, durante a Segunda Grande Guerra.^{iv}

Stepan também observa que o Brasil foi o único país da América Latina a enviar um considerável contingente militar terrestre para lutar ao lado das democracias liberais contra o fascismo. Ele não trabalha mais a fundo este tema, mas deixa vários indícios a serem investigados. A própria pujança bélica e econômica que caracterizava as forças militares americanas e o contato com o ideal de democracia estadunidense iria, mais tarde, influenciar de forma consistente os “febianos” que participaram da fundação e da elaboração programática da Escola Superior de Guerra como mostra Dreifuss:

Um pequeno número de oficiais dentro das Forças Armadas (...), após a Segunda Guerra Mundial, havia se tornado um grupo modernizante-conservador (...). Algumas das figuras de destaque desse grupo podem ser traçadas historicamente a partir de sua experiência ideológica e militar comum durante a campanha na Itália, experiência que mais tarde foi reforçada pela participação em cursos de instrução e treinamento nos Estados Unidos. Essa experiência comum estendeu-se através da afiliação posterior daqueles oficiais a certos partidos políticos, principalmente a UDN – União Democrática Nacional – e em menor escala ao PDC – Partido Democrata Cristão – assim como pela sua organização num reduto político e ideológico, a Escola Superior de Guerra – ESG – da qual eram os co-fundadores.^v

Não pretendemos desenvolver a fundo a hipótese de Stepan a respeito da grande influência sofrida pelos militares brasileiros que participaram da FEB, mas sim nos ater à discussão que remete à existência de um projeto democrático autoritário dentro desta instituição.

A fundação da ESG se dá num contexto extremamente conturbado da história mundial. A escola é fundada em 1948 num momento em que a emergência da Guerra Fria está polarizando o mundo em dois blocos antagônicos: o capitalista liderado pelos Estados Unidos da América e o socialista liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. É neste contexto social de pós-guerra, onde as democracias liberais haviam saído vencedoras – em aliança com a União Soviética – que a ESG começa a ser cogitada como Instituição. A ESG passaria a ser um centro de estudos civil e militar que daria uma grande ênfase ao planejamento da segurança nacional e do “*desenvolvimento*” do país. A ESG se caracteriza também por uma participação civil fundamental do ponto de vista ideológico. Um elevado número de tecno-empresários passaria a fazer parte do quadro permanente da escola. Acrescentando de forma incisiva conceitos ideológicos racionalizantes e tecnicista.

A ESG tornava-se assim um grande centro de propagação ideológica construída através da participação efetiva de militares influenciados pelo ideal de democracia americano e identificados com

uma tecno-burocracia empresarial voltada para um tipo específico de desenvolvimento da nação a partir de pressupostos liberais e extremamente preocupados com o problema do planejamento e da Segurança nacional. Dreifuss aborda esta questão da seguinte forma:

A ESG incorporou em solo brasileiro as idéias e as atitudes maniqueístas dominantes no cenário internacional da Guerra Fria. Como uma instituição, a ESG encorajou dentro das Forças Armadas normas de desenvolvimento associado e valores empresariais, ou seja, um crescimento cujo curso industrial foi traçado por multinacionais e um Estado guiado por razões técnicas e não ‘políticas’. Este Estado seria estável por intermédio do autoritarismo político incorporado na doutrina de Segurança nacional. Ideologias americanas de ‘construção nacional’ foram disseminadas entre as Forças Armadas Brasileiras e reforçadas pela doutrinação empresarial.^{vi}

A ESG, a partir de sua fundação em 1948, passaria a elaborar uma nova doutrina política baseada em preceitos de caráter antipopulista, anticomunista e antitotalitário na medida em que tinha como ideal primeiro o que passaremos a denominar como uma “democracia autoritária”. Os idealizadores desta doutrina visavam eliminar todo o ranço atribuído ao populismo. A demagogia, o personalismo, as práticas nada ortodoxas de concessão salarial, as ligações com os sindicatos se apoiando politicamente em suas bases militantes. Tudo isto antagonizava com a ideologia predominante que pregava um tecnicismo racional de administração, voltado para o combate à inflação a qualquer custo, não se importando com a opinião das classes trabalhadoras. A idéia de “democracia autoritária” vem a ser um projeto de democracia onde haveria um Poder Executivo forte capaz de determinar os rumos da política nacional sem a interferência “nociva” dos partidos populistas. O próprio governo do General Castello Branco (1964-1967) – membro do corpo permanente da Escola Superior de Guerra – é a prova empírica do projeto esguiano de “democracia autoritária” como mostra muito bem A. Stepan:

Uma (...) característica importante do governo Castello Branco foi sua confiança intelectual na democracia como forma de governo. Ele aceitou a necessidade por algum tempo de uma ‘democracia tutelada’. E embora tendessem a ver no debate político mais um obstáculo que uma parte intrínseca do processo de democracia “ideal”. (...), Castello Branco, assim que assumiu o cargo, desejou que o Congresso se mantivesse aberto e que os poderes excepcionais estabelecidos (...) tivessem limites estritos. A confiança num retorno à democracia era tão intensa que o governo planejou realizar, em 1965, as eleições diretas para governador, apesar dos prováveis riscos a que se exporia a revolução.^{vii}

Um outro elemento que não devemos deixar de mencionar, que é, de fato, de extrema importância para se entender a produção intelectual e a elaboração de um projeto “alternativo” de democracia foi, sem dúvida, a influência que o pensamento, de caráter autoritário, de Alberto Torres e Oliveira Viana teve sobre a ESG. Junto com a influência do modelo econômico norte-americano, as idéias autoritárias que desde a década de 1910 estão presentes entre os militares brasileiros podem ser, em parte, creditadas a estes dois autores. Desde os “tenentes” até chegar no movimento de 1964, podemos notar na ação destes elementos características do pensamento dos autores acima citados:

Também o pensamento de Alberto Torres e Oliveira Vianna pesou consideravelmente nas concepções centrais da ESG que, em função de sua visão do processo brasileiro, teve que alimentar-se de outras fontes e de outras motivações na própria situação internacional.^{viii}

Uma discussão a ser feita envolvendo o conceito de democracia é extremamente pertinente para se entender o tema proposto. É nítida a preocupação de Castello e seu grupo em manter funcionando algumas das principais instituições que caracterizam a democracia liberal burguesa. O que devemos fazer, no entanto, é problematizar este conceito central na discussão que se está propondo. Uma democracia “ideal” , como queriam os militares, deve ser analisada a partir do conjunto de interesses que estão em jogo no debate político. A democracia não pode ser vista como um sistema ideal onde todos os interesses estão devidamente garantidos,

sejam eles de uma classe ou de outra. A democracia deve ser entendida como um regime de dominação política. Engels, por exemplo, dizia que:

É através do sufrágio universal que a classe possuidora domina. Enquanto a classe oprimida – em nosso caso, o proletariado – não está madura para promover ela mesma a sua emancipação, a maioria dos seus membros considera a ordem social existente como a única possível e, politicamente, forma a cauda da classe capitalista, sua ala da extrema esquerda.^{ix}

ⁱ FARIAS, Cordeiro de. *Antecedentes da Anti-Revolução de 1964*. CPDOC. Doc. N. Cfa tv 70.00.00

ⁱⁱ O primeiro navio com tropas brasileiras zarpa do porto do Rio no dia 2 de julho de 1944, apesar de desde 22 de agosto de 1942 o país já esta oficialmente em guerra contra o eixo Roma-Berlim. Vide SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2000.

ⁱⁱⁱ Idem.

^{iv} STEPAN, Alfred. *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975, p. 175

^v DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes. 1981, pp. 77-78.

^{vi} Idem, p. 69.

^{vii} STEPAN, Alfred. *Op. cit.*, p. 170.

^{viii} OLIVEIRA, E. R. de. “A Doutrina de Segurança Nacional: Pensamento Político e Projeto Estratégico” In: _____. (org.). *Militares : Pensamento e Ação Política*. Campinas: Papirus, 1987, p.62

^{ix} ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 15ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 195.